

## ANNE E A PALAVRA-MUNDO: CONSIDERAÇÕES SOBRE EDUCAÇÃO, GÊNERO E SOCIEDADE

Jessica Gonçalves da Silva<sup>1</sup>  
Cristiane Marcela Pepe<sup>2</sup>

### RESUMO

Temos como objetivo neste estudo analisar algumas problemáticas interessantes evocadas em sala de aula, numa disciplina intitulada Profissão docente, que a partir de textos como A carta 108 de Sêneca a Lucílio e o texto “A importância do ato de ler” de Paulo Freire e os conceitos de Sombra e Realidade trazidos no debate da alegoria do Mito de Caverna de Platão. Atravessando essas discussões, incluímos alguns pontos do episódio 3 da 1ª temporada da série *Anne with an E*, visto que ele ilustra questões pertinentes a respeito das ideias presentes em Seneca e Freire, bem como apresenta de forma tangível questões referentes a classe social, cultura, identidade e gênero, imprescindíveis a compreensão prática docente. A metodologia adotada foi a de tipo qualitativa, por nos permitir um olhar mais amplo sobre as contribuições dos dois textos, entre outros autores que citamos no estudo, além do episódio específico da série mencionada, que nos auxiliam a compreender melhor a formação de professores.

**Palavras-chave:** *Anne with na E*, Formação de professores, Educação.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas

<sup>2</sup> Orientadora e professora do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas

## INTRODUÇÃO

O presente estudo surgiu a partir de uma atividade avaliativa na disciplina de Profissão docente, que nos levou a várias reflexões, que transformamos no que apresentaremos a seguir.

Nesse sentido, pretendemos analisar algumas problemáticas interessantes evocadas a partir de textos como A carta 108, escrita por Sêneca a Lucílio e o texto “A importância do ato de ler” de Paulo Freire, assim como os conceitos de Sombra e Realidade trazidos no debate da alegoria do Mito de Caverna de Platão. Atravessando essas discussões, incluímos alguns pontos do episódio 3 da 1ª temporada da série *Anne with an E*, visto que ele ilustra questões pertinentes a respeito das ideias presentes em Seneca e Freire, bem como apresenta de forma tangível questões referentes a classe social, cultura, identidade e gênero, imprescindíveis a compreensão prática docente.

A metodologia adotada foi a de tipo qualitativa, por nos permitir um olhar mais amplo sobre as contribuições dos dois textos, entre outros autores que citamos no estudo, além do episódio específico da série mencionada, que nos auxiliam a compreender melhor a formação de professores.

É importante pontuar, antes de adentrarmos as discussões propostas com mais afinco, que enquanto sujeitos, mestres e aprendizes, nossas práticas não estão dissociadas do mundo que nos cerca. Aprendizado, Memória e Afeto estão intimamente interligados e compõe um “todo” que constrói um repertório semântico\cognitivo\ideológico baseado em nossas trajetórias, acadêmicas ou não. Esses aspectos são bem pontuados por Paulo Freire, em seu livro “A importância do ato de ler”, no momento em que o educador revisita os seus espaços de infância e as suas leituras iniciais a partir do mundo que lhe foi apresentado no quintal de sua casa e as múltiplas possibilidades advindas dele, que o acompanharam no decorrer de sua vida.

A fim de tornar esse estudo mais fluido, não haverá uma ordem para a discussão das ideias e conceitos que serão levantados, mas sim um atravessamento<sup>3</sup> entre elas, pois estão intimamente imbricadas, tendo como pano de fundo o episódio da supracitada

---

<sup>3</sup> O termo “atravessamento” é uma referência ao conceito de interseccionalidade apresentado por Carla Akotirene, pesquisadora brasileira, em sua obra “Interseccionalidade”, fazendo uma alusão a ideia de encruzilhada, visto as vivências que se interconectam, se somam e se ressignificam nesse atravessar de vias\vidas\vivências.

série. Iniciaremos, no entanto, a partir das reflexões de Platão. Esse estudo será organizado em alguns tópicos (sempre inter-relacionados) para que vislumbremos melhor as propostas de reflexão.

### **O que é a verdade?**

Platão, em sua obra “A República” apresenta a alegoria do Mito da Caverna, em um diálogo entre Sócrates e Glauco, fazendo-nos refletir muitíssimo sobre verdade e manipulação. Os prisioneiros da Caverna entendiam tudo o que era visto como verdade, já que não tinham contato com o mundo exterior, apenas com a projeção das sombras que lhes eram direcionadas.

A partir do momento em que um deles tem contato com algo além do seu campo de visão, há um incômodo, pois a luz o ofusca, visto que sua condição fisiológica não permitia uma contemplação total, não de imediato, a toda a realidade que lhe foi negada. Até seus olhos se habituarem a iluminação o incômodo persistiu, mas a partir do momento em que o referido prisioneiro pode ver que a realidade era muito além do que lhe era disposto houve conflitos.

O que aconteceria caso voltasse para a caverna e encontrasse seus companheiros ainda condicionados a verdade indubitável das sombras? Seria visto como louco? Enxergaria as sombras, outrora verdade inquestionável, da mesma forma? Seria confortável o seu regresso ou o conflito se acentuaria, tendo em vista a expansão de seu campo de visão, circulação e conhecimento? Até onde a sua existência, diante de sua nova percepção, seria tolerada?

*Marilla Cuthbert* é uma personagem da série *Anne with an E* e sua trajetória enquanto mulher de meia idade condicionada aos trabalhos domésticos, em um contexto rural, nos faz refletir bastante sobre o Mito da Caverna de Platão. Inicialmente, há uma resistência da personagem frente a visão de mundo de Anne, sua filha adotiva, como se sua visão, de fato, fosse ofuscada diante daquilo que é novo. Aos poucos sua visão vai se habituando às perspectivas apresentadas pela menina e seu olhar vai expandindo em novas formas de compreensão diante do mundo e de sua própria existência.

Ainda em paralelo com a alegoria do Platão, cidadãos da pequena comunidade de Avonlea, mais especificamente em *Green Gables*, vão estranhando as posturas de

Marilla. O que era inicialmente uma mulher que não fugia às regras estabelecidas pelo ideal feminino, tendo em vista a época, a faixa etária e as condições do meio rural em que vive, vai se transmutando em sujeito agente, modificador de sua própria realidade, tendo como impulso as provocações lançadas por Anne.

O terceiro episódio da primeira temporada, especificamente, apresenta a Marilla um grupo de mães progressistas que se interessa pela educação e emancipação feminina. Visto a época em que a série se passa, 1896, a organização de um grupo feminino voltado à educação das meninas em idade escolar foi bastante revolucionário. Inicialmente, há um estranhamento da personagem frente ao convite realizado para que participasse das reuniões, mas ela aceita já que sua própria filha possibilitou novos horizontes de expectativas em uma expansão de sua visão de mundo.

O deslocamento da personagem é visível e sentido pelo expectador da série, ela não parece plenamente confortável nesse espaço, sobretudo por se tratar de um lugar montado por mulheres mais jovens, em casamentos bem estabelecidos, de classes sociais mais abastadas.

As leituras de mundo que essas mulheres apresentam são, ainda, confusas para Marilla, já que ela nunca teve acesso a discussões desse tipo. Nesse ponto podemos relacionar às ideias trazidas por Platão em sua alegoria. A princípio, a personagem tinha acesso às sombras projetadas na caverna (realidade em que estava inserida e condicionada), houve uma ruptura (saída da caverna a partir do convite a novos trânsitos proporcionados por Anne) e um ofuscamento frente às novas perspectivas (contato com o grupo de mães progressistas que atuavam fora do eixo designado em uma sociedade patriarcal). As reflexões, no entanto, não param por aí. O que antes parecia um espaço inclusivo para mulheres passa a ser exponencialmente questionado no decorrer do episódio, cabendo antes apresentar algumas reflexões de Sêneca e Freire.

Sêneca, em sua carta 108 a Lucílio, defende a postura de que não adianta haver um discurso acerca de alguma pauta se não há uma prática efetiva daquilo que é dito. O filósofo, inclusive, exprime uma postura bastante inclusiva ao revelar que nem ele próprio consegue seguir à risca tudo aquilo que absorveu em seu contato com os ideais filosóficas a que era próximo, visto a citação:

Alguns desses impulsos, Lucílio, tenho-os conservados até hoje; decidira-me com toda a energia a abraçar na totalidade o modo de vida

estoico, mas depois inserindo-me na vida da sociedade, apenas guardei uns poucos desses bons costumes iniciais. (s\p)

Há, no entanto, em relação ao pensador, um esforço contínuo para adotar em sua vivência uma postura crítica e reflexiva diante do conhecimento a que teve contato. Podemos refletir, assim, sobre a dicotomia conhecimento e prática, relacionando com o percurso de Marilla.

Freire (1989) nos afirma que a leitura da palavra é indissociável da leitura de mundo. Leitura não é vista como mera decodificação de signos, mas como uma completude diante de nossas experiências (anteriores ou em processo).

Nesse sentido, seguindo essa afirmação de Freire, podemos olhar para Marilla e ver como ela é inserida em um espaço novo e tem pouca familiaridade com as palavras apresentadas por aquelas jovens mulheres progressistas, brancas e de classe alta, mas sente, e seu íntimo, um impulso de deslocamento, pois a condição em que estava inserida não contemplava mais as ideias que estavam nascendo desde as inquietações provocadas por Anne.

Em seu contato com esse novo círculo social, Marilla, em dado momento, começa questionar algumas posturas adotadas por esse grupo de mulheres, diante de uma situação vivenciada por sua filha. Esse questionamento culmina em sua saída do grupo “progressista” e parte de um incômodo latente frente às vivências do ser feminino e do ser criança em uma determinada classe social, em que alguns são submetidos a situações desumanas diante de uma realidade que não é gentil com quem, além de fugir às regras, é corpo subversivo por nunca ser contemplado por elas.

Nesse sentido, há uma ruptura crescente: Marilla saiu da caverna, foi ofuscada pelo conhecimento inicial, percebeu o meio que a cerca e que cerca sua filha, questionou a forma como essa estrutura é formada (mesmo em espaços de resistência) e optou por não permanecer em meio às sombras, tampouco a meia luz. Sua leitura, vivência, percepção de mundo, foi desconsiderada em um meio em que se projetou um novo padrão absoluto. O que é verdade nesse contexto? Uma leitura freiriana elucidaria alguns pontos e talvez, caso o grupo adotasse essa postura, abarcaria Marilla. Partiremos, então, para uma reflexão entre escola\academia e sociedade.

**Escola, Universidade e Sociedade: atravessamentos e questionamentos possíveis.**

No episódio 3 da primeira temporada da série “Anne with an E” nos deparamos com a protagonista em seu primeiro dia de aula. Contextualizando: a menina tem treze anos, é órfã, ruiva (fora dos padrões do lócus em que vive) e foi adotada por uma família não tradicional (dois irmãos de meia idade que nunca estabeleceram uma família, nos moldes tradicionalistas e que vivem em uma fazenda).

Para além disso, Anne é considerada excêntrica, pois é uma menina que gosta de ler e que possui um repertório linguístico amplo, fato pouco comum a realidade feminina da época e a classe social da qual se originava.

A empolgação da personagem é verbalizada a todo momento diante de uma gama de expectativas em um espaço formal de ensino e seus responsáveis, mais adaptados a identidade da criança, e que compactuam de expectativas e preocupações semelhantes.

Em todo o seu trajeto a escola, a personagem ensaia possíveis diálogos em um contexto o qual nunca esteve inserida: sala de aula, crianças que já tiveram acesso a ela e possíveis relações sociais (baseadas em seu repertório literário). Há um horizonte imenso de expectativas idealizado pela jovem, que atravessam um cenário bem consolidado de normativas sociais as quais ela não está habituada, gerando uma quebra brusca dos ideais iniciais.

Regras, muitas regras, lhes são apresentadas: com quem deve ou não falar, como deve se portar, como deve se alimentar etc. Tudo isso para ser bem aceita nesse contexto bem consolidado, vide extremamente normativo. No entanto, a trajetória da protagonista subverte em sua própria vivência, em seu próprio corpo, as regras ditadas. Ora! É sabido que ela é órfã, que sua estética não é convencional e que é criada por duas pessoas mais velhas que não são casadas. O espaço escolar, no entanto, não contempla a sua trajetória. O corpo de Anne possui narrativas que foram expectadoras de desamor e violência, naturalizadas em discurso desde muito nova. Não há espaço para diálogo, ou entendimento. A escola, nesse contexto, dita as regras que são perpetuadas pelos alunos-padrão e por aqueles que estabelecem as maneiras corretas dos exercícios ditados.

Paulo Freire, em seu referido livro “A importância do ato de ler”, nos apresenta uma perspectiva de educação que abarca o plural, pois parte do princípio que para se ter uma leitura de palavra é preciso levar em consideração as múltiplas leituras de mundo. Fazendo um paralelo com a série, a “bagagem” de Anne não é nem um pouco considerada nesse espaço formal de ensino. Esse fato é reafirmado a partir do momento



em que há uma represália diante de uma situação relatada pela criança. A menina relata, em dado momento, uma narrativa de teor sexual (mesmo que não saiba direito do que se trata) para suas colegas de turma. Vale ressaltar que o relato possui conteúdo violento, sobretudo por não ter sido preservada a existência de Anne enquanto criança na referida situação a que foi exposta, e por expor uma mulher que foi submetida a práticas sexuais sem consentimento. Após a narrativa relatada, o grupo de meninas vira as costas para a protagonista, por a considerarem “impura”, bem como outros alunos também.

Em nenhum momento houve um diálogo entre vivência e sala de aula, tampouco se questionou a situação em que a menina vivia, ao tanto de violência a que foi exposta, ou o conhecimento que obteve. A proposta apontada por Paulo Freire em relação a educação não é seguida de forma alguma nessa conjuntura. O contexto vigente é o ditado pelo professor e pelas normas sociais estabelecidas. Essas normativas ignoram a vivência de Anne e de seus colegas de classe (pois eles performam o tempo inteiro os papéis estabelecidos). Leitura é vista como decodificação da palavra e tudo o que importa nesse espaço é seguir as regras, se encaixar nelas e performar naturalidade (vide a leitura da Diana, amiga de Anne, em um poema especificado pelo professor e tido como uma boa leitura mesmo sendo meramente silábica e a leitura de Anne, performática, pondo em evidência o sentir poético). Toda a estrutura educacional abarcada pela série vai de encontro aos dizeres freirianos. Não há um diálogo com as vivências da personagem, o contexto social dos estudantes é desconsiderado nos processos educativos e a escola gira em torno de decodificação de regras.

A figura do professor espelha a contradição do mestre que, segundo Sêneca, apenas reproduz dizeres sem abrir mão de seus vícios, sem refletir sobre o que é dito em consonância com as suas práticas. Nesse sentido, há apenas a leitura superficial do código, meramente formalista, descontextualizado do mundo que o gera, sem abarcar o ideal freiriano de leitura de mundo e leitura de palavra.

Ainda nesse sentido, qual seria a relação entre tal prática escolar e o mito da caverna de Platão? Seriam os estudantes os prisioneiros com acesso apenas às sombras projetadas pelo feixe de luz? Anne seria aquela que teve acesso a verdade exterior e, por isso, é vista como louca por seus colegas? Tais questionamentos possibilitam um olhar mais amplo em relação às posturas dos personagens, visto que suas práticas não se separam do mundo que os cerca, mesmo que ainda sejam estagnadas com base nas sombras projetadas, vistas como única verdade, único padrão existencial.

Nesse atravessamento é possível perceber que corpos transgressores não são entendidos como existências possíveis, mas como uma falha diante daquilo que é norma. A escola se constrói com base nas projeções das sombras da caverna, o mestre reproduz o compilado de regras-sombras a que foi apresentado e os estudantes parecem ser meros receptores do que lhes é ditado e reprodutores das práticas estabelecidas por toda uma sociedade. Não há espaço para transgressão, não há espaço para Anne.

Ao final do episódio, a menina rompe com a escola, negando-se a permanecer em posição de castigo e volta para sua casa chorando. Marilla, nesse momento, abraça e entende a sua filha, pois sentiu esse estranhamento em um espaço educativo (grupo de mães progressistas) que não a acolheu de forma efetiva. Há uma dupla ruptura nesse ponto, pois ambas escolhem não assumir um papel passivo diante do que lhes é determinado e saem de um espaço formal que as reprimiu e tentou castigar.

Fazendo um paralelo com as obras citadas nesse estudo, o ambiente acadêmico, na série, não atende a completude e pluralidade de seus discentes, mas tenta encaixar a todo custo os infantes em uma forma única, socialmente aceitável. Cultura, identidade, mundo, palavra, não são considerados e quem não segue o que é estabelecido é posto a parte a sua revelia.

Esse estranhamento se acentua por se tratar, até o presente momento, de duas personagens femininas. Vejamos, a seguir, algumas considerações sobre as relações de gênero, considerando o papel da mulher na sociedade.

### **O conjunto de regras do “ser feminino”.**

No episódio 1 da primeira temporada de Anne with na E nos deparamos com a seguinte situação: os irmãos Marilla e Matthew decidem adotar um menino para ajudá-los na rotina de sua fazenda, visto que as demandas são grandes e os dois já não são pessoas jovens. Ao se deparar com Anne há uma frustração e o impulso inicial dos irmãos é devolver a menina e retornar do orfanato com um garoto em condições de contribuir com a rotina de trabalho. Trago essa situação para que pensemos, de forma imagética, a condição do ser feminino, pauta que atravessa a série como um todo e que tem bastante ênfase no episódio analisado aqui. Corpos femininos não parecem ter muita utilidade social, visto a época em que a série ocorre. Em contrapartida, há uma gama de regras que as mulheres devem seguir para que sejam socialmente aceitas.



No episódio 3 da primeira temporada, observamos de forma mais incisiva as problemáticas latentes da condição feminina. Anne, sem sombra de dúvidas, transgride as normas sociais relacionadas à condição feminina: ela lê demais (fato pouco comum para mulheres da época), fala demais e possui posicionamentos bastante firmes em suas ambições acadêmicas e intelectuais, fugindo a lógica de jovem que aguarda um casamento e que se preocupa apenas com sua imagem para atender determinado padrão de beleza e comportamento. Marilla, por sua vez, também foge às normativas, sendo uma mulher de meia idade que nunca se casou e mora com seu irmão, logo é vista como uma existência “menor” frente às outras mulheres, casadas e de classes sociais mais abastadas que seguem a risca os padrões de feminilidade. Tendo em vista essas duas personagens, precisamos observar com atenção os espaços em que elas circulam, retomando alguns aspectos já abordados nos tópicos anteriores

Em seu primeiro dia de aula, Anne já se depara com regras que devem ser seguidas para ser bem aceita no círculo social escolar. Marilla também se depara com novos trânsitos sociais a partir da adoção de Anne e de seu ingresso, mesmo que não duradouro, no grupo de mães progressistas. Um ponto em comum entre as duas personagens é o deslocamento diante das novas realidades em que adentram, bem como o estranhamento que é visível, pois ambas não atendem, em existência, as expectativas criadas nos grupos que passam a transitar.

Questões de gênero, nesse sentido, devem ser atravessadas pelos olhares sociais e culturais também, interseccionalizando essas realidades, visto que há particularidades identitárias no que concerne às vivências, experiências anteriores, ao *locus* em que se está inserido e a classe social.

Paulo Freire apresenta os processos de ensino com base nas experiências dos educandos, em suas leituras de mundo, para que se possa ter um aprendizado efetivo, uma compreensão da palavra como organismo vivo. Traçando um paralelo com a série, as leituras a cerca do “ser mulher” são realizadas de modo superficial nos espaços organizacionais em que Anne e Marilla estão. Logo, não há espaço para a compreensão de suas vivências, tampouco um processo de ensino e aprendizagem que funcione. Sêneca apresenta as relações contraditórias entre prática e discurso, as quais podemos observar no grupo de mães progressistas que, apesar de discutir feminismo, não busca entender as particularidades de vivência de Marilla, expulsando-a de um espaço que, em teoria, deveria ser amplo, democrático e emancipador.

A sociedade parece, de forma geral, ainda estar presa em uma caverna, tendo como realidade apenas as sombras projetadas, por conseguinte, em suas trajetórias, Anne e Marilla são vistas como figuras que destoam dessa realidade, pois estão em processo de expansão de perspectivas em seu contato com o mundo exterior.

Diante do exposto, é importante salientar que vivências femininas são toleradas socialmente desde que sigam toda a cartilha de comportamento, estética e discurso. Há um preço caro em subverter essas regras, mesmo em grupos, em teoria, libertários, culminando na exclusão dos corpos que se negam a aceitar as normativas criadas sem os seus consentimentos, já que ignoram as suas vivências. Ser mulher, na série e na vida, é ser duplamente cobrada, principalmente quando não existe um olhar diante dos atravessamentos sociais, culturais, ideológicos e estéticos que compõe o seu ser.

#### **Atravessamentos docentes: últimas considerações.**

Esse estudo buscou refletir, com base nos textos de Freire e Sêneca, bem como na alegoria da caverna de Platão, alguns aspectos importantes sobre sociedade, leitura e educação, tendo como pano de fundo a série Anne with na E.

Fazendo uma alusão a ideia de atravessamento, em uma perspectiva intersseccional, o professor deve levar em conta, em suas práticas, os diferentes trânsitos que atravessam essa encruzilhada e que se complementam, dialogam e se (re)constróem em seus encontros. Há que se olhar atentamente o mundo que nos cerca, buscando compreender o universo que cerca o outro, que é o outro, para que a leitura da palavra escrita seja substancial, viva, em confluência com a palavra-mundo a que sabemos ler, distinguir e analisar em nossas práticas.

É importante refletir também que discurso e prática devem estar relacionados para que o aprendizado ocorra de maneira crítica e reflexiva, fugindo ao padrão de repetição e memorização de regras. Nesse atravessamento de via\vidas, o afeto, a memória e a compreensão das particularidades dos outros são pontos imprescindíveis para a construção do conhecimento, considerando as perspectivas de classe, raça e gênero (conforme Angela Davi apresenta em sua obra *Mulheres, Raça e Classe*) em toda uma conjuntura sociopolítica nesse trânsito.

Por fim, ao final do episódio analisado, Anne e Marilla se abraçam e, sem dizer muitas palavras, ambas compreendem as suas dores diante da exclusão de suas

vivências, demonstrando compreensão e empatia já que nos espaços em que circulam ainda são negligenciadas, visto que destoam das sombras projetadas na caverna vistas como única verdade possível, apresentando-se como aquela luz que, inicialmente ofusca, por ser desconfortável, já que o campo de visão até pouco tempo era bastante restrito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade**. Coordenação Djamila Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

Freire, Paulo. **A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam**. São Paulo: 1989.

SÊNECA. **Cartas a Lucílio**. Tradução, Prefácio e Notas de J. A. Segurado e Campos. 4 ed. Madrid: Fundação Calouste Gulbenkian, 2009.